

# FOLHA DE VILLA VERDE

REDACTOR PRINCIPAL — GASPAR LEITE

Representante da empresa e responsavel — MANOEL JOAQUIM ANTUNES

ASSIGNATURAS PAGAS ADIANTADAS — Anno 15500 réis. — Semestre 800 réis. — Anuncios cada linha 40 réis, pagos antes da publicação do primeiro anuncio, communicados 50 réis a linha  
A correspondencia deve ser dirigida ao redactor principal, na sede da redacção em BRAGA, Campo d' Santa Anna.

## Villa Verde—1887

### O PARLAMENTO E A ADMINISTRAÇÃO PUBLICA

Estamos no fim de Maio. Estão, portanto, passadas duas partes do periodo legislativo, estando votado pela camara popular um projecto de lei, o de subsidio ao municipio do Porto para a estrada de circumvalação.

Foi um erro da opposição não seguir a praxe ha annos estabelecida e observada de considerar a resposta ao discurso da corôa um acto de cortezia parlamentar para com o Chefe do Estado.

E' verdade que o governo esteve em dictadura; mas, tendo elle apresentado o *bill de indemnidade*, a opposição teria logar de discutir as responsabilidades do ministerio por se haver collocado fóra da constituição.

Tractar duas vezes dos mesmos assumptos é desperdiçar tempo, e são muitas as necessidades publicas que reclamam a economia de tempo.

O incidente da prisão de um snr. deputado por um attentado por elle commettido na pessoa de um ministro, fez distrahir a actividade parlamentar de assumpto que cumpre tractar com madureza e bom criterio.

Ao menos aproveitou-se d'essa discussão violenta e demo-

rada a certeza de que, nada importa para ser punido, que o aggressor do principio da auctoridade, seja deputado ou par do reino.

Ainda se tracta de discutir o incidente. A opposição, que esperava abalar o ministerio n'este conflicto, entende que lhe convém continuar a explorar-o.

A maioria concede-lhe todas as larguezas; mas, reconhecendo a necessidade de ficarem votados na corrente epocha legislativa os projectos de maior urgencia, deliberou ter sessões nocturnas.

Bem haja. Falle a opposição pelos sete cotovellos; mas sujeite-se a maior trabalho.

Desperdice o tempo de dia; mas deixe ao menos tirar proveito das sessões nocturnas.

Em outros annos, não se havendo feito questão politica da resposta ao discurso da corôa, e abrindo-se a epocha legislativa no dia 2 de Janeiro, as duas casas do parlamento tiveram de funcionar ora até Julho, ora até Agosto.

Não haveria inconveniente em seguir o mesmo exemplo de prorogações; mas é muito melhor que se aproveite bem o tempo, tanto mais que a corrente sessão legislativa começou ha dous mezes.

O governo actual encontrou a fazenda publica em condições que nada tinham de lisongei- ras; com a sua austeridade, e

pela confiança que por diversos actos soube inspirar, o nosso credito melhorou consideravelmente. Urge, portanto, tirar o devido provento das circumstan- cias.

Ainda que o paiz tem sido e de certo continuará a ser sensata e patrioticamente adminis- trado, isso não é o bastante para assegurar os interesses do the- souro. Podem surgir no estran- geiro successos de magnitude, e nós não seriamos excepção no grande abalo dos interesses financeiros e commerciaes.

São importantes as propos- tas de fazenda. Algumas teem de ser ruidosamente discutidas.

A regularisação da circula- ção fiduciaria, o novo regimen dos tabacos, e a nova pauta das alfandegas são assumptos que não deixarão de ser explo- rados pelas opposições regenera- dora e republicana.

Ninguém o levará a mal. As opposições teem o direito e dever de combater os ministerios. A lucta é uma necessidade do systema representativo. A discussão diffunde luz sobre os problemas da administração.

Mas por isso mesmo que a discussão d'estes projectos não tem de ser ligeira, cumpre não desperdiçar o tempo.

As opposições teem sempre responsabilidades importantes. Tendo de cooperar com o go- verno para a solução dos proble- mas de administração, não

lhes é licito empregar o ob- struccionismo.

Nenhuma bandeira partida- ria deixa de ser emblema de patriotismo.

Os partidos não são empre- zas de especulação.

Estão obrigados a contribuir com as suas faculdades para a felicidade publica.

(Do C. Portuguez).

## PEROLAS E DIAMANTES

### A BANDEIRA

Quando chegou a casa pare- cia morta. A noite tornou-se pesada e chuvosa. Os cães ti- ritavam á porta, farejando impa- cientemente a ceia; irriçava- vam as orelhas com a bulha da chave e escutavam os passos apressados do mateiro, que recolhia do trabalho com a foice ou o mangoal ao hombro.

O clarão do brazeiro, atean- do-se de bocado a bocado, coloria as vigas empoeiradas, que atreversavam o tecto. N'uma gaiola de arame dormia um pin- tasilgo. Pendurada n'uma corda estava uma pouca de roupa branca, a seccar. De repente, os cães soltaram uns latidos de an- ciade, correram, depois vol- taram calados: signal de ser conhecido quem vinha.

Dizia-se depois na aldeia, que alguém a tinha visto ir abrir a porta, tendo na mão um tron- co do brazeiro para se alumiar; que recuára então, aterrada, cor- rendo para um crucifixo, como que a pedir auxilio a Deus; e e que se tinha ouvido uma voz de homem—afirmando-se que

o pobre moço, que estivera em tempos no logar, viera á aldeia n'aquella noite — voz, que, en- tre outras coisas, dizia:

— Já me não conheces? Já te não lembras d'aquella tempo, que não volta, que nem eu mes- mo quereria que voltasse mais, que nem tu o queres nem Deus? Não me crimines de aqui me vêres de novo. Ha um condão em ti, conheci-o agora! Ainda cantas, como d'antes, aquella trova, que eu te ensinei? Ain- da és boa, doce, sonhadora e triste, estrella de amor que apa- gavas nos ceos o dia? Porque me não fallas, queres-me mal, por acaso? Crava nos meus os teus olhos, para vêres como a minha alma guardou memoria do passado. O caminho da mi- nha vida atravessa-se entre nu- vens de pó... Tem dó de mim! Não posso atrever-me sequer a fallar a Deus dos meus pesa- res. Em ti está tudo para mim; todas as ternuras, a eternidade inteira, o amor immortal, que vence de ceos em ceos! Pesava-me de mais a ausencia, para que assim podesse cortar a es- perança de tornar a vêr-te. Vi- via na ideia de te encontrar ou- tra vez, senão tinha morrido; e tinha medo de morrer!...

Se o paraíso me prendesse, quereria fugir de lá para te ver. Que tens? O que é? Fiz mal em voltar? Não deviamos encontrar-nos mais n'este mun- do? Devia ser a nossa unica felicidade pedir perdão a Deus? Quebrei e eternidade gloriosa que nos estaria guardada!... Que tens, dize? Queres mor- rer sózinha? Deixei tudo para correr aqui, logo que tive noti- cia de teres voltado. Vêr-nos- hemos raras vezes; mas, vêr- nos-hemos. Virei visitar o pa-

## FOLHETIM

### BOM FILHO

I.

A alcova era illuminada pela luz agonizante de um candieiro de petroleo.

Ao fundo, no leito, distin- guiam-se as fórmulas rígidas d'um cadaver. O leito tornara-se em ataúde. E ao lado, como syn- thetizando todo o soffrimento que pairava n'aquella ambiente funereo, uma creança de onze annos murmurava baixinho, muito baixinho, estas palavras mil vezes queridas:

— Papá, meu querido papá! A alma de Jorge Savergny evolára-se para a eternidade.

O filho estava no collegio, quando o creado da casa levou uma carta ao director.

— Então peiorou!... disse elle quando recebeu a terrível noticia, mas exprimiou-se com tal inquietação, com tal ancie-

dade, que revelava ao mais in- differente a profunda affeição que tributava ao progenitor.

O João recebera ordens ter- minantes e por isso respondeu:

— Não se inquiete, menino, é um incommodo passageiro.

Mas apesar d'esta affirmati- va, o seu vivo olhar nublou-se e sentiu um estremecimento, um calafrio, talvez presagio de que era já inútil a sua presença.

Entretanto chegou. Pouco antes expirára o pae. Quando as sombras da noite estavam prestes a extinguir-se, ainda disse quasi imperceptivelmente:

— Jorge... Jorge... de- pressa.

E a cabeça cahiu-lhe inerte sobre o travesseiro.

O pequenito, tímido e receio- so, beijou a mãe, mas logo que viu o cadaver, recuou, pallido, desfigurado, e cahindo aos pés da cama, prorompeu em solu- ços. Dava livre curso á torren- te das suas lagrimas.

D'alli a momentos a mãe preveniu-lhe:

— Anda, vamo-nos embora.

Mas elle, por unica resposta, volveu-lhe um olhar de suppli- ca e inundou de pranto as fac- ces do moribundo.

Frente a frente com aquella scena tocante, madame de Sa- vergny hesitou consentindo ta- citamente.

Pouco a pouco as lagrimas desapareceram. Na sua mudez assustadora, apertando na mão a mão hirta do pae, Jorge parecia pedir á morte o segredo que ella nos occulta obstunada e eternamente. O seu coração infantil, rudemente abalado por semelhante perda, sentiu as tre- vas da noite.

Olhava e não via. Faltava allí a consagração inefavel dos seus affectos, a figura veneran- da do pae estremecido.

A este tempo entrou mada- me de Bois-Prieure, sogra do fallecido.

— Então, Magdalena, disse ella á filha vendo o neto abra- çado ao cadaver, deixas-lhe pre-

senciar por tanto tempo este triste espectáculo?

E muito resoluta o affastou, sem que elle oppozesse resis- tencia.

No dia seguinte era o enter- ro. Jorge seguiu a pé o funebre cortejo.

Aquella scena, devêras com- movente, feriu na fibra sensi- vel os que a presenciaram. Era o amor levado ao extremo! Jorge entendida que para benefi- ciar a aridez da sua existencia futura devia conservar indele- vel a imagem do seu amantis- simo pae, quando sobre elle ia descer a fria lousa do sepul- chro.

Quinze dias depois regressou ao collegio.

Mãe e filha partiram então para Sceaux.

Semanalmente elle ia visi- tal-as.

A dôr que alanceara o co- ração, despertou prematura- mente as faculdades intellec- tuaes. Sentia e pensava como um homem. Aquella lembran-

ça não desaparecera como tantas outras na algidez do esquecimento. Muitas vezes ma- dame de Savergny o surprehendeu em extasis, diante da pho- tographia do marido, mas nun- ca impediu tão eloquente ho- menagem.

II.

«Les Imbergères», magnífi- ca vivenda onde a familia de Jorge então residia, era uma das mais opulentas dos arredores de Paris. Madame Maris foi sua proprietaria, mas mais tarde vendeu-a ao general Cour- tenais, pae de madame Bois- Prieure.

Quasi em frente, como a fe- char a avenida marginada por frondoso arvoredado, corre um rio alimentado por diversas nas- centes.

Era para ahi que Jorge, es- tendido nas bancadas d'um fragil batel, ia passar as tardes de domingo, olhando o ceo atra- vés da folhagem que ramalha- va acariciada pela brisa.

rocho; quem pôde estranhar isso! Vou hoje mesmo lá, e demorar-me-hei na aldeia... Escusas de me aconselhar, de me pedir: a minha tenção está feita; não digas nada, não te oiço, não quero ouvir-te n'esta hora. Adeus, mas até amanhã; amanhã, de noite, virei aqui; o meu amor, que em cada dia mais faz de ti um ídolo, será maior ainda amanhã!...

E, quando se contava isso na aldeia, acrescentava-se que, depois d'estas palavras e ao abrir-se de novo a porta, se vira a rapariga, extatica, e balbuciando como que vagamente...

—Amanhã... Amanhã e sempre...

E' certo, porém, que, de madrugada, foi ella propria procurar o rapaz da guitarra e lhe disse:

—Sempre é verdade que me queiras ao ponto de te matares, bebendo, para te esquece- res de mim?

Elle sorriu-se.

—E se, proseguiu ella, olhando-o fixamente, eu te propozes- se ser tua deixariamos para sempre a aldeia, agora mesmo, sem nos despedirmos de ninguem, sem olharmos para traz, sem nos lembrarmos mais d'este logar, e assim mesmo me quererias?

—E louvaria Deus, respondeu elle.

—Louva-o então, sou tua.

Desde essa hora, nunca mais se soube d'elles por muito tempo na aldeia.

Foram peregrinando pelas estradas, ganhando lentamente o pão de cada dia.

Ao passar pela feira de Alcobaça, no anno passado, vi no largo, no centro de um grupo de espectadores, um rapaz que tocava guitarra e uma rapariga que cantava... Conheci-a logo. Era a Cantadeira, como d'antes lhe chamavam no logar. Quando eu cheguei, corria ella, com o seu chapeo na mão, a roda dos que tinham estado a ouvir-os.

—Canta outra vez! disse-lhe eu.

Parece que o povo os estimava a ambos, porque quasi todos lhe davam esmolas, a ella, principalmente, á Cantadeira, á Cantadeira.

JULIO CESAR MACHADO.

N'esta monotonia, para elle mil vezes seductora, decorreram dois annos. Completára treze.

Seja-nos licito agora, para seguimento da nossa narrativa, stenographar a conversação travada entre a mãe e a filha, n'uma sala do palacio:

—Segue o meu conselho, menina.

—Mas...

—Deixa-te de reticencias. O barão de Cervoise ama-te. Depende de ti a sua felicidade.

—E elle aceita?

—Pois então? Ainda duvidas? Quatro milhões não se desprezam! Que respondes?

—Credo... mamã, que pressa! Deixe-me respirar.

—Não seja essa a duvida, medita e pensa.

Um mez depois o casamento era negocio decidido. Madame de Saverny dava frequentes passeios no parque. Entregava-se espontaneamente a devancios amorosos, mas por vezes estremeia e murmurava baixinho: —Jorge... Jorge... como te

O nosso deputado

Elle ahí esteve, coitado! Mettia dô vêl-o como por ahí andava!

Os amigos olhavam para elle de soslaio, e a alguém ouvimos nós dizer:

«E' um grande deputado, e em tudo que disser respeito á rhetorica do silencio, não ha quem lhe passe adiante—é um verdadeiro portento.»

Levantae-lhe, oh vós que o admiraes, uma estatua sobre o chafariz cá da villa, immortalisae-o sobre a columna fontenaria, onde as nedias sopeiras, em dôce convívio com os namorados, fazem as chronicas das familias honestas e dos maridos inficis; levantae-lhe uma estatua, para que todos os vindouros, de norte a sul d'este concelho, possam dizer ao passar entre a fonte e a casa do snr. Faria: Eis alli a estatua do homem grande, e eis alli a casa do pequeno idem!

Louvados judiciciaes

São muitas as queixas que temos recebido de varios assignantes da nossa folha, contra o modo pouco regular como procedem alguns dos louvados judiciciaes d'esta comarca.

Era deliberação nossa não tocarmos em similhante assumpto; mas em vista das continuadas reclamações que ultimamente temos recebido, e certos de que o muito digno juiz d'esta comarca é completamente estranho a essas irregularidades, vamos em um dos nossos proximos numeros apontar alguns d'esses factos, esperando, quando porventura elles não sejam a expressão da verdade, haja alguém que os venha aqui combater, para o que lhe serão franqueadas as columnas d'este jornal.

Juiz de Amares

Dizem-nos que vae ser nomeado juiz para a comarca de Amares, o actual juiz de Villa Pouca de Aguiar, o exc.<sup>mo</sup> dr. Francisco da Costa Pires.

A dar-se uma tal nomeação, desde já felicitamos os povos da villa de Amares, pois o snr. dr. Costa Pires é um cavalheiro dignissimo, character honesto e um dos ornamentos da magistratura judicial.

hei de annunciar esta resolução?

Um dia communicou os seus receios a madame de Bois-Prieure.

Ouvindo a pergunta ella alçou os hombros n'um gesto de indiferença e contentou-se em dizer:

—Ora... com pouco te embaraças!

—Mas que pensa então? Cuida que Jorge aceitará de boa vontade a tutela do padrinho? Ainda elle no outro dia esteve em contemplação diante da photographia.

—Tolimas!... minha patetinha. Que vale isso? Tira-lh'a e verás como a paixão se cura.

—Tem razão, é o unico meio.

No domingo seguinte, como era costume, Jorge foi fallar á mãe, que ainda estava no «toilette» e mesmo beijando-a, procurou com o olhar o precioso retrato.

Não estava lá. Empallideceu e sentiu um frio glacial percorrer-lhe o corpo.

A Epocha

A Epocha, jornal lisbonense completamente alheio ás luctas partidarias e que é orgão da agricultura portugueza, transcreve o discurso do snr. visconde da Torre e precede-o das seguintes palavras:

«Na camara dos snrs. deputados, durante a sessão de 10 do corrente, o snr. visconde da Torre mandou para a meza uma representação da camara municipal de Villa Verde.

«O illustre deputado, a proposito da representação, — fez uma exposição breve e eloquente do estado agricola do paiz. Foi a sua estreia de deputado ás côrtes, e não podia ser mais nobre, nem mais digna, quer pelo objecto d'ella, quer pela maneira porque a tratou, como os nossos leitores vão julgar.»

Parabens

Merece-os o nosso sympathico amigo e distincto correligionario P.<sup>o</sup> Francisco Manoel Barbosa, da casa de Paranhô, de S. Miguel do Prado, pelo exame de concurso em que acaba de ser aprovado. E por isso lh'os damos cordeaes.

Este illustrado e exemplar sacerdote, por muitos titulos recommendavel, tem as justas e merecidas sympathias de quantos o conhecem, porque allia á mais consummada modestia e desaffectedada virtude, relevantes merecimentos. Julgamol-o de muita utilidade para a Igreja no pastoreamento do rebanho do Senhor, e desde já felicitamos os povos que porventura hajam de vêl-o a testa da sua parochia.

Fallecimento e disposições testamentarias

Finou-se na terça feira, em Braga, o snr. Manoel Antonio da Cunha, capitalista, morador na rua da Boavista d'aquella cidade.

Do seu testamento extrahimos as seguintes disposições:

Quer que o seu cadaver seja amortilhado em um habito á imitação do de S. Francisco, mettido em caixão decente, depositado na igreja dos Terceiros, de que é irmão, e d'ahi conduzido para o cemiterio, acompanhado da irmandade, fazendo-se-lhe um officio de 15 padres.

—Mamã... mamã... diga, perguntou elle levando a palma da mão aos olhos humedecidos, onde está o retrato do papá? Quebrou-se-lhe o vidro?

—Não, meu filho, felizmente não lhe aconteceu nada.

—Então é porque já não gosta do papá? aventurou elle, suspenso e ávido pela resposta.

Ella hesitou ainda, mas decidiu-se.

—Estou com tenção de me casar. Foi por isso que...

—Casar... casar...

—Sim, então admiras-te?

E perturbada seriamente pelo espanto que produzira a sua revelação, continuou:

—Foi para teu bem que resolvi...

—Hei-de ter um tutor, hei-de obedecer a alguém?...

—Não te inquietes, filhinho querido. Esse alguém amar-te-ha como teu proprio pae, e espero que da tua parte...

—Cale-se... cale-se... mamã... por o amor de Deus...

Quer que, em quanto o seu corpo não fór enterrado, seja dita por sua alma uma missa no altar de S. Pedro de Rates, da Sé, e deixa mais dez missas por alma de seus paes e outras dez pela alma de seus amigos e inimigos.

A oito irmãos dos Terceiros, que conduzirem seu corpo para o cemiterio, deixa 15000 rs. a cada um, e quer que a cada uma das missas que lhe pertencem das irmandades de que faz parte, se ajunte a quantia de 100 rs.

Institue por unico e universal herdeiro seu irmão Manoel Joaquim da Cunha, da freguezia de Barbude, concelho de Villa Verde, com obrigação de satisfazer os seguintes legados:

Ao hospital de S. Marcos, asylo de D. Pedro V, asylo de S. José e Collegio dos Orphãos, 50000 rs. a cada um.

Ao recolhimento da Tamanca, 25000 rs.

A sua irmã Thereza, casada com José João Soares, da freguezia de S. Pedro de Esqueiros, concelho de Villa Verde, 200000 rs.

A filha de seu irmão Antonio, 5 acções do Banco do Minho, do valor nominal de de 100000 rs. cada uma, sendo o dito irmão e mulher usufructuarios em quanto vivos.

A seu irmão Domingos José da Cunha, residente no Recife (Brazil), 500000 rs.

A D. Isabel Ludovina da Rocha Freitas, a quantia do 300000 rs. e tudo quanto existir na casa em que morava o fallecido, menos papeis de credito.

A's tres filhas da mesma D. Isabel, que são Thereza, Maria e Camilla 100000 rs. a cada uma.

Aos seus afilhados n'este reino, 100000 rs. a cada um.

A sua tia paterna, Francisca, 50000 rs. e igual quantia a sua tia materna, Antonia.

Todos os legados serão satisfeitos no prazo d'um anno, e por uma só vez, em moeda portugueza, sendo os direitos satisfeitos pelas forças da herança.

Nomeia testamentarios, em 1.<sup>o</sup> logar João Luiz da Silva, da freguezia de Barbude; em 2.<sup>o</sup> José Pinto Barbosa, da rua de S. Vicente d'esta cidade e em 3.<sup>o</sup> Narciso Barbosa Marques, da rua dos Capellistas; deixa ao que aceitar a testamentaria, a quantia de rs. 100000.

Os Miseraveis

Do primeiro editor portuense, o snr. Eduardo da Costa

interrompeu elle, soltando um grito de dôr.

—Ah! seu mau, pois atreve-se?...

Então a scena transformouse. Acto continuo, por uma comprehensão estranha, Jorge abraçou-se e chorando copiosamente balbuciou um perdão.

Uma ideia terrivel, veloz como um relampago, lhe atravessara o espirito. Mas foi um instante.

—E' minha amiga... mamã?... faz-me uma coisa?

—O que é? diz.

—Dê-me o retrato do papá, ponho-o na parede do meu quarto, a mamã não o vê mais e eu...

—Pois sim, farei o que dizes.

E abrindo o cofre, deu-lhe a photographia. Elle agradeceu-lhe collando os labios na mão que a mãe lhe estendera, e sahio.

N'essa mesma tarde chegou mr. de Cervoise ás Imbergéres.

A futura noiva annunciou-lhe que tinha avisado o filho.

Santos, acabamos de receber os fasciculos n.<sup>os</sup> 67, 68, 69 e 70, ultimos do romance de Victor Hugo—Os Miseraveis.

Este incansavel editor traz já em publicação mais duas novas obras—Nossa Senhora de Paris e a Martyr.

Orçamento da camara

Foram convocados os quarenta maiores contribuintes da contribuição predial d'este concelho para, na proxima sessão camararia, darem o seu parecer sobre o orçamento geral da receita e despeza do municipio.

O orçamento do corrente anno nada tem de notavel, segundo nos informam, a não ser uma verba para a construcção d'uma estrada concelhia que tem de atravessar a freguezia de Cervães. Este melhoramento é da iniciativa do snr. visconde da Torre.

A contribuição directa é a mesma do anno anterior.

Julgamento

No dia 7 do proximo mez de Junho realizar-se-ha no tribunal d'esta comarca o julgamento de Rosa Maria, natural da Boalhosa, accusada do crime de furto.

Esta ré já respondeu no tribunal d'esta comarca por identico crime, e tem dado que fazer á policia civil de Braga.

Chamamos a attenção dos snrs. jurados para esta criminosa, de cuja biographia se occupa extensamente o relatório do commissariado de policia, que faz parte do processo.

Louvores merecidos

O jornal A Nação elogia a camara municipal d'este concelho, por esta ter representado acerca da questão agricola, e referer-se largamente ao discurso que o snr. visconde da Torre proferiu sobre o mesmo assumpto.

Recrutamento

No dia 25 do corrente mez foram remetidas pela administração d'este concelho ao tribunal administrativo de Braga, 46 reclamações relativas ao re-

—Hei-de mandal-o vigiar, continuou ella, não faça elle alguma diabrura.

Tocou uma campainha. Apareceu o creado.

—Vá procurar o menino, ordenou, talvez esteja no jardim. E dirigiu-se ao quarto do filho.

Assim que lá entrou, viu sobre a meza uma folha de papel.

Reconheceu a lettra. Era de Jorge.

«Adeus, mamã, dizia elle, vou pedir ao papá que lhe perdoe».

Ao lêr isto, foi tal a commoção que cahiu sem sentidos.

O sacrificio affigurava-se-lhe medonho.

Depois de muitas pesquisas, foram dar com elle no barquinho. Suicidára-se. No seio, guardava o retrato que recebera pela manhã.

Pobre creança!...

WILLIAM BUSNACH.

crutamento do corrente anno. Tem de ser julgados no prazo de 15 dias.

**Chuva**

As terras tinham falta de humidade e os lavradores estavam ansiosos por chuva. Foram satisfeitos os seus desejos na anterior sexta feira; mas, em vez de causar beneficio á agricultura, é grande o prejuizo que lhe causa, em virtude das videiras estarem em florescencia.

**Exames elementares**

As relações dos alumnos propostos a exame elementar devem ser apresentadas á junta escolar d'este concelho desde 10 até 20 de Junho proximo.

**COMMUNICADOS**

Snr. redactor da *Folha de Villa Verde*.

Tendo deparado com uma local, publicada no seu acreditado jornal n.º 97, de 22 do corrente, epigraphada — «Ao Snr. Arcebispo» —, na qual se accusa o illustrado e virtuoso abbade de Turis, de ter, contra vontade do povo e com opposição d'este, prohibido a passagem ou tranzito da procissão do SS. Sacramento, cuja festa solemne teve lugar no dia 8, pelo caminho costumado, e muitas outras inexactidões; apressamo-nos a dizer duas palavras em merecido abono de tão illustrado como virtuoso abbade a quem na referida local se allude.

O caso foi que, tendo de passar, por assim alguém o querer, como abusivamente tinha alguns annos passado,—a procissão pelo quinteiro dos porcos, junto d'uma latrina da residencia e do publico, quando ha affluencia de povo á igreja, e por debaixo d'um corredor que dá communicação da dita residencia para o adro e respectiva igreja, para cujo corredor que se acha cheio de fendas e buracos corre gente, por occasião de festas, com o intuito de disfructar d'ahi as procissões, e como, na maior parte, sejam mulheres, são estas espreitadas e observadas, por algumas pessoas mais mal intencionadas, e por outras sem intenção, em estado de decomposição e menos honestas,—o illustrado e virtuoso pastor lembrou a conveniencia de pôr termo a estes abusos, que ninguem, de boa fé, pôde negar ou defender, quanto mais applaudir, pois que nunca um abuso auctorisa nem justifica outro, e que a passagem das procissões por aquelle sitio não só tinha as inconveniencias apontadas, mas que era incommoda ás pessoas que n'isto se occupavam e serviam, pois que tinham de passar por debaixo d'uns portaes, do referido corredor e d'um arco de loureiro, que lhes difficullavam a passagem: que se não oppunha a

que por alli continuassem a ir as procissões mas em condições mais dignas, para o que convinha tomar as medidas que o caso exigia; e, finalmente, restringindo-se, disse que esta alteração era só quando nas procissões fosse o Sagrado Viatico. Ninguem se oppoz: sahio a procissão para seguir, por fóra, á capella do Senhor dos Passos, conduzindo o Sagrado Viatico, debaixo do pallio, o rev.º Augusto Dias da Silva, que n'aquelle acto representava o rev.º abbade, que não ia na procissão, e de quem aquelle sacerdote era digno delegado, e, chegando ao adro em frente da porta principal, vendo o padre Augusto mais de metade da procissão seguir o tranzito prohibido pelo seu parochio, e já dentro dos portaes,—que tinham sido abertos por um *quidam* que, para vêr se a procissão por alli ía, para contrariar o seu parochio, declarou que este o mandara abrir os referidos portaes,—disse o mesmo padre Augusto que o acompanhassen, retirou para a igreja com o Sagrado Viatico, dirigindo-se ao sacrario, onde foi deposital-o, com as solemnidades proprias, acompanhado do juiz e mais mesarios, com suas opas,—de alguns cavalheiros, que retiraram em seguida, em quanto os desorientados andaram, sem rei nem roque, nem vellas e capote, lá por fóra a palhaçar.

Cinco assignantes da *Folha de Villa Verde*.

Snr. redactor.

Sapiãos, 20 de Maio de 1887.

Só hoje me chegou á mão a folha de 1 e 8 de Maio, de que v. é digno redactor. Na mesma vi um communicado de Montalegre, repleto de desconcertos e affirmações gratuitas, que me dizem respeito. Venho, pois, por este meio intimar o auctor do referido communicado para que prove todas as accusações que ali exarou, e deponha a infame capa de anonymo.

Publicando estas linhas no seu acreditado jornal, muito obzequiará o que é

De v. etc.

O Reitor de Sapiãos e Arcipreste do Districto Ecclesiastico de Montalegre,

*Zeferino Pereira.*

(Segue-se o reconhecimento).

**DESSERT**

Um barbeiro acreditava que um banho quente era remedio excellente contra as frieiras. Uma mulher consultava-o acerca do filho, que padecia essa molestia.

—Dê-lhe um *escalda-pés*, respondeu o mestre.

—Mas o rapaz não tem frieiras nos pés, tem-n'as nas orelhas.

—Ah! pois então applique-lhe o *escalda-pés* ás orelhas.

Calino previdente.

Grassava uma epidemia e convidaram-n'o para tomar um refresco gelado.

—Acceito o gelado, mas com uma condição: ha-de ser quente.

\*

Então, snr. Calino, o que pensa a respeito da cremação?

—Ora, minha senhora, é mais uma espezteza dos gulosos. Um meio de conservarem um pouco de carne assada para o caso de resuscitarem, ou serem enterrados vivos, por engano, e não morrerem então á fome!

\*

N'uma loja de fazendas:

—Faça favor de mostrar-me o que tiver de melhor em camisolas.

—Aqui tem, minha senhora: de linho fino, de Irlanda de linho, de morim...

—Não, essas são muito leves, muito finas...

—Não, minha senhora, ao contrario, muito superiores, fazenda solida...

—Não para mim.

—Sinto muito, minha senhora, mas nós aqui não vendemos camisolas de força.

**ANNUNCIOS**

**Comarca de Villa Verde EDITOS DE 30 DIAS**

Pelo juizo de direito da comarca de Villa Verde e cartorio do escrivão Faria, correm editos de 30 dias a citar todos os interessados, credores e legatarios desconhecidos, para deduzirem seu direito e fallarem a todos os termos do inventario orphanologico a que se procede por obito de Thereza Gonçalves Ribeiro, moradora que foi na freguezia de Cabanellas, sem prejuizo de seu andamento.

Villa Verde, 13 de Maio de 1887.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito, *Magalhães.*

O escrivão do inventario, *Manoel Henrique de Faria.*

**Comarca de Villa Verde EDITOS DE 30 DIAS**

Pelo juizo de direito da comarca de Villa Verde e cartorio do escrivão Faria, correm editos de 30 dias a citar os coherdeiros Antonio Velloso e mulher, e José Joaquim Velloso, solteiro, residentes em parte incerta, e todos os credores incertos e legatarios desconhecidos, para deduzirem o seu direito e fallarem a todos os termos do inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de Luiza Velloso e marido Ambrosio Velloso, moradores que foram na freguezia da Loureira, sem prejuizo do seu andamento.

Villa Verde, 13 de Maio de 1887.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito, *Magalhães.*

O escrivão do inventario, *Manoel Henrique de Faria.*

**Comarca de Villa Verde ARREMATAÇÃO**

Pelo juizo de direito d'esta comarca de Villa Verde e repartição de fazenda, no dia 5 de Junho proximo ás 10 horas da manhã e á porta do tribunal judicial se tem de proceder á arrematação dos bens penhorados na execução que a Fazenda Nacional promove contra Antonio de Sousa, do logar do Val, freguezia de S. Paio do Pico, d'esta comarca, para pagamento da quantia de 5\$724 rs. de decima de juros do anno de 1886, além dos juros da mora, sellos e custas da execução, cujos bens são os seguintes:

Uma leira de matto, sita na Veiga de Baixo. — Uma leira de terra lavradia, vidonho e matto, sita na mesma Veiga de Baixo. — Uma leira chamada da Deveza da Costa, de matto e lenha, no sitio da Costa. — A terra da Veiga de Mobrem, sita no monte de Baixo, de lavradio e vidonho, com quatro oliveiras e agua de rega: todas sitas na freguezia de S. Paio do Pico.

Pelo presente são citados todos os credores incertos e residentes fóra da comarca, para assistirem aos termos da presente execução e deduzirem na fórmula da lei.

Villa Verde, 14 de Maio de 1887.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito, *Magalhães.*

O escrivão de fazenda, *João Augusto de Seixas.*

**Comarca de Villa Verde ARREMATAÇÃO**

Pelo juizo de direito d'esta comarca e repartição de fazenda, no dia 5 de Junho proximo ás 10 horas da manhã e á porta do tribunal judicial se tem de proceder á arrematação dos bens moveis e semoventes penhorados na execução que a Fazenda Nacional promove contra José Fortunato de Andrade, do logar do Salgueiral, freguezia de S. Martinho d'Escaris, d'esta comarca, para pagamento da quantia de réis 22\$422 de decima de juros e contribuição industrial do anno de 1886, além dos juros da mora, sellos e custas da execução, cujos bens são os seguintes:

Uma morada de casas terreas e cido, com forno de cozer telha e um cobertão, sita no logar do Salgueiral, freguezia de S. Martinho d'Escaris. — Um porco pequeno. — Um lagar de pedra, com trave, fuso e pezo. — Um relógio de sala grande, com caixa. — Uma commoda de castanho.

Pelo presente são citados todos os credores incertos e residentes fóra da comarca, para assistirem aos termos da execução e deduzirem na fórmula da lei.

cução e deduzirem na fórmula da lei.

Villa Verde, 14 de Maio de 1887.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito, *Magalhães.*

O escrivão de fazenda, *João Augusto de Seixas.*

**Comarca de Villa Verde ARREMATAÇÃO**

Pelo juizo de direito d'esta comarca e repartição de fazenda, no dia 5 de Junho proximo ás 10 horas da manhã e á porta do tribunal judicial se tem de proceder á arrematação dos bens penhorados na execução que a Fazenda Nacional promove contra Maria Rosa da Silva, viuva de Francisco José da Silva, do logar da Senra, freguezia de Gême, d'esta comarca, para pagamento da quantia de 10\$671 réis de decima de juros do anno de 1886, além dos juros da mora, sellos e custas da execução, cujos bens são os seguintes:

A terra do Pradinho, lavradio e vidonho, com agua de rega e lima. — Um pedaço de terra inculta: ambas sitas no logar da Senra, freguezia do Gême.

Pelo presente são citados todos os credores incertos residentes fóra da comarca, para assistirem aos termos da presente execução e deduzirem na fórmula da lei.

Villa Verde, 14 de Maio de 1887.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito, *Magalhães.*

O escrivão de fazenda, *João Augusto de Seixas.*

**REGULAMENTO**

PARA A LIQUIDAÇÃO E COBRANÇA DA

**CONTRIBUIÇÃO DE REGISTO**

Approvado por decreto de 31 de Março de 1887

(Com os modelos respectivos)

Preço 80 rs.—Pelo correio, franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas.

A livraria—*Cruz Coutinho*—Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—PORTO.

**GUIA DE CONVERSAÇÃO**

EM PORTUGUEZ E ALLEMÃO

por D. M. RAMSEY JOHNSTON

1 vol. cart. 240 rs.—Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas.

A livraria—*Cruz Coutinho*—Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

Privilegio exclusivo por 15 annos

## ELIXIR DEPURATIVO VEGETAL DE CARDOSO

Pharmaceutico plenamente approvado pela Eschola Medico-cirurgica do Porto

Este excellente medicamento é ha muito tempo applicado pelos exc.<sup>mos</sup> medicos com bom resultado contra as molestias da pelle, como: herpes, pustulas, erysipela, sarna, ulceras. No rheumatismo, escrophulas, syphilis em todos os graus e mais molestias provenientes d'ella, e do uso excessivo do mercurio.

Emfim em todas as molestias que tem origem na impureza do sangue.

Deposito em Braga, pharmacia dos Orphãos.

Deposito em Villa Verde, pharmacia Central.

PREÇO DO FRASCO 600 RÉIS.

(33 a)

# A MARTYR

A melhor publicação de Emile Richebourg, auctor dos interessantes romances: **A MULHER FATAL, DRAMAS MODERNOS e outros**

1.<sup>a</sup> parte, **TREVAS**; 2.<sup>a</sup> parte, **LUZ**; 3.<sup>a</sup> parte, **ANJO DA REDEMPÇÃO**

Edição illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos executados na lithographia Guedes, versão do Julio de Magalhães, 10 réis cada folha, gravura ou chromo 50 réis por semana, dois brindes a cada assignante.

A sorte pela loteria — 100\$000 em 3 premios para o que receberão os snrs. assignantes em tempo opportuno uma cautela com 5 numeros.

No fim da obra — um bonito album com 2 grandiosos panoramas de Lisboa, sendo um desde a estação do caminho do ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e outro e tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitenciaria e Avenida até á margem sul do Tejo.

Assigna-se no escriptorio da empreza editora Belem & C.<sup>a</sup>, rua da Cruz de Pau, 26, 1.<sup>o</sup> — Lisboa.

## BIBLIOTHECA DO CURA D'ALDEIA

211, Rua do Almada, 217 — Porto

# A FELICIDADE

POR

HENRIQUE PERES ESCRICH

Está em distribuição o primeiro fasciculo d'este notavel romance, que pôde sem receio entrar no santuario da familia. E' ornado de primorosas gravuras de pagina, cujas gravuras serão distribuidas gratuitamente a todos os snrs. assignantes.

Recommendamos a leitura d'esta esplendida obra aos amadores dos bons livros.

Condições da assignatura para as provincias:

A expedição é feita de quinze em quinze dias, com a maior regularidade, aos fasciculos de 96 paginas e uma gravura, pelo modico preço de 120 réis cada fasciculo, franco de porte, pagamento adiantado. Nas terras onde a empreza não tiver correspondentes, as pessoas que desejarem assignar deverão remeter no acto de fazer a assignatura a importancia de um ou mais fasciculos.

As pessoas que enviarem quantia não inferior a 600 réis, receberão na volta do correio aviso de recepção, ficando por este modo certos de que não houve extravio.

Quem angariar 10 assignaturas receberá um exemplar gratis.

A empreza precisa de correspondentes em todas as principais terras do reino, onde ainda os não tenha; garantido aos mesmos uma commissão vantajosissima. Recebe propostas n'este sentido.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA, editora, 211, rua do Almada, 217 — Porto.

BIBLIOTHECA DE PROPAGANDA RELIGIOSA  
(OPUSCULO QUARTO)

## OS PROBLEMAS

DO

## SEculo XIX

Conferencias do Cardeal Alimonda pregadas na egreja metropolitana de Genova.

Editor — J. C. P. da Cruz

Preço 100 rs. — A' venda na rua das Flores n.º 191, e na rua do Monsinho da Silveira n.º 264 — Porto.

## A Estação

Jornal illustrado de Modas para Senhoras publicando annualmente:



24 numeros de 8 paginas, illustrados com mais de 2000 gravuras representando artigos de toilette para senhoras, roupa branca, vestuarios para crianças, enxovacs, roupa branca e vestuarios para homens e meninos, atalhados, objectos de mobilia, adorno de casa, etc. todo o genero de trabalho de agulha, bordado branco e a matiz a ponto de marca, de ornatos, costura ou renda, pontos em claro sobre renda, cambraia ou flô, renda irlandeza, bordado em filo, crivas — todo o trabalho de tapeçaria, tricôt, crochet, frivolidé, guipure, ponto atada, renda de bilro — flozes do papel, panno, pennas, finalmente mil obras de fantasia que seria longo relatar.

O texto que lhes fica junto clara e minuciosamente descreve e explica todos esses desenhos, ensinando o modo de executar os objectos que representam.

12 folhas grandes contendo além de numerosos monogramas, iniciaes e alphabets completos para bordar em relevo ou a ponto de marca, 200 moldes pelo menos, em tamanho natural, completados, segundo as necessidades com moldes reduzidos indicando claramente a disposição das partes de que se compõe o modelo e mais de 400 desenhos de bordado branco, matiz, soutache, etc. Campre notar-se que estas folhas comparadas ás de qualquer outro jornal são-lhes muito superiores, pois que em igual superficie publicam tres ou quatro vezes mais material.

36 figurinos de modas, coloridos primorosamente a aguarella por artistas de merito em formato igual ao do jornal.

Para prova da superioridade incontestavel d'essa publicação e verificação de que realmente os seus 24 numeros e 12 folhas de moldes contém maior quantidade de modelos do que outro qualquer jornal de modas, enviar-se-ha gratuitamente um numero specimen a quem o pedir por escripto.

Assigna-se em todas as livrarias, e na de ERNESTO CHARDRON — Porto. Principia no dia 1.<sup>o</sup> de qualquer mez.

PREÇO EM TODO O REINO:

Um anno	4\$000
Seis mezes	2\$500
Numero avulso	200

## LIVRO SACRO

OU

## CURSO DE DOCTRINA CRISTÃ

PARA USO DAS ESCHOLAS PRIMARIAS

Coordenado conforme o novo programma do governo para o exame d'instrucção primaria e elemental e d'admissão aos lyceus nacionaes, e para os meninos se habilitarem sem difficuldade a receber a sagrada communhão, etc., com permissão e approvação do Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal, Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto.

POR

FRANCISCO D'ASSIS PINHEIRO

Director e proprietario do Collegio de S. Francisco, no Porto, e socio da Sociedade de Geographia Commercial, da mesma cidade.

2.<sup>a</sup> edição

A' venda na livraria CRUZ COU-TINHO, editora, rua dos Caldeiros n.º 18 a 20 — PORTO.

O MAIOR SUCCESSE LITTERARIO

# A MARTYR

POR

## ADOLPHO D'ENNERY

Versão de João Pinheiro Chagas

Celebre romance procurado com excepcional interesse pelos leitores dos dois mundos e publicado no *Primeiro de Janeiro* e de que foi extrahido o drama actualmente em scena nos theatros Baquet e D. Maria II.

Edição illustrada com gravuras.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA:

O romance A MARTYR constará de 2 volumes em 8.<sup>o</sup> illustrados, distribuidos em fasciculos semanaes de 10 folhas de impressão de 8 paginas cada uma, ou 9 e uma gravura, a 10 réis cada folha, ou 100 réis cada fasciculo pagos no acto da entrega. A obra completa não terá nem mais de 10 nem menos de 8 fasciculos.

Para as provincias, os fasciculos serão enviados franco de porte, pelo mesmo preço que no Porto, mas só se acceptam assignaturas que venham acompanhadas da importancia de 5 fasciculos adiantados.

A casa editora garante 20 por cento de commissão a quem angariar qualquer numero d'assignaturas não inferior a 5.

Acceptam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que dêem abono á sua conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á livraria *Civilização*, de Eduardo da Costa Santos, editor, rua do Santo Ildefonso, 4 e 6 — PORTO.

Acha-se já em distribuição o 1.<sup>o</sup> fasciculo. Enviam-se prospectos a quem os pedir.

## ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

# MANOEL JOAQUIM ANTUNES EM VILLA VERDE

Tem á venda no seu estabelecimento todos os generos proprios d'uma casa d'esta ordem, e bem assim grande variedade de vinhos finos engarrafados e bebidas brancas de todas as qualidades. Tabacos de todas as fabricas e variedade de algodões, retrozes e mais miudezas, que tudo vende por preços muito modicos.

## A ESTRELLA DE NAZARETH

LENDAS E TRADIÇÕES DA TERRA SANTA SOBRE A SANTISSIMA VIRGEM

POR D. LUIZ GARCIA LUNA

TRADUÇÃO DE

A. MOREIRA BELLO

COM APPROVAÇÃO DO EM.<sup>mo</sup> SNR. CARDEAL BISPO DO PORTO

5 VOLUMES 2\$500 rs. — Está concluida esta interessantissima obra prima de litteratura christã, o melhor romance n'este genero até hoje publicado, com um bellissimo enredo e magnificas gravuras de pagina, constituindo assim uma verdadeira joia litteraria e historica.

Vende-se em todas as livrarias do reino e na *Bibliotheca Malheiro*, de Manoel Malheiro, editor, a quem deverão ser feitas as requisições, acompanhadas da respectiva importancia, para a rua da Picaria n.º 85 a 87 — Porto.

Não será satisfeita requisição alguma que não seja acompanhada da respectiva importancia.

Vende-se igualmente em Braga no estabelecimento dos snrs. Faria, Ferreira & C.<sup>a</sup>, Largo de S. Francisco n.º 9.

# O SEGREDO DA MAÇONERIA

POR MONS. AMANDO JOSÉ FAVA, BISPO DE GRENoble

TRADUZIDO E ANNOTADO POR

A. MOREIRA BELLO

Um volume — 300 réis. — A' venda em todas as livrarias do reino e na — *Bibliotheca Malheiro* — 85, rua da Picaria, 87 — Porto.